

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 29 de Novembro de 1919

Num. 15

Entre amigas

Minha Celina.

Já não esperava mais ver teu nome na «P., A. e C.», quando inesperadamente reapareces! Na verdade, já te julgava *desertora!* Cheguei até a pensar, nas horas de desanimo e tristeza, que quizesses propositalmente magoar-me, seguindo o exemplo de Elzira e Guilhermina.

Perda-me, cara Celina, e sejamos sempre amigas, tão amigas como nos felizes dias de nossa infancia. Queres?

Ests então transformada em fazendeira! Aceita os meus sinceros parabens, Celina, pela tua grande felicidade, felicidade essa que não reconhecês, creio, porque dizes que tua vida continua «*monotona, triste, quasi vasia.*»

Não seas ingrata, Celina; pois não  uma ventura viver-se no socego do lar, gosando as caricias de um pai extremo e de uma carinhosa mãe? Não  ventura, Celina, ignorar-se a maldade do mundo, que  sempre mais impio e perverso, e viver-se longe dos seus prazeres, que sempre canam e nunca nos sa-ciam o corao?!

Deus, Celina,  o unico amigo fiel, além dos teus pais, e desse Deus bondoso e compassivo tu podes gosar onde quer que estejas, e muito mais na solidão duma fazenda!

Oh! que delicia não nos inebria o corao ao contemplarmos, num passeio pela mata virgem, o poder e a magnificência do Creador!

Que paz, que alegria não nos inunda a alma, quando quietinhas scismamos sentadas  sombra de copada arvore, ouvindo o canto dos passarinhos e o murmurio das crystalli-

nas aguas de um regato que serpenteia por entre pedras e verduras!

E um passeio a cavallo, como  encantador numa fazenda! E apreciar a colheita do café! E ajudar uma bondosa mãe no serviço domestico! E collocar flores nos vasos, e cuidar do jardim, e olhar para as ninhadas de pintos recém-sahidos da casca?!

Oh! Celina, que vida calma e deliciosa a de uma jovem filha de fazendeiros que foi bem educada e que  forte caquella fortaleza de que fala o Evangelho! Que vida feliz será a tua, si o quizeres, boa amiga!

De *monotona*  que nada tem a vida na fazenda, pois serviço, e variado, não falta para quem o quer; *triste* tambem não pode ella ser, porque matars as saudades bemdizendo a Deus no campo ou na floresta, ou ajudando tua mãe, pois o trabalho dissipa toda a sombra de tristeza; e *vasia*, ah! *vasia*  que não será tua vida, garanto, a não ser que, por infelicidade, nenhum proveito tenhas tirado das lições de catecismo e dos outros estudos feitos no Collegio.

Sino, ouve: não poders então abrir uma escola, que funcione duas ou tres horas por dia, para os filhos dos trabalhadores da fazenda? Não poders ensinar-lhes ao menos o catecismo, preparando-os para a primeira communhão?

Quasi nada me disseste da fazenda, mas  muito provavel que tenhais uma capella, sino em casa, ao menos  pouca distancia da fazenda, e, si tem capella, haverá tambem capello, que uma vez por mez, como  costume em geral, vae celebrar missa, casar e baptisar.

Então? Não seria tão meritorio para ti, si um bello dia apresentasses uma turma de neo-commungantes, bem preparadinhos, para o mais solenne acto de sua vida?!

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas :

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

—o—

A assignatura annual para os assignantes da «Epoca» custa 2\$000.

pensando nelles, é *vasia* tua vida? Demais, podias ir ás casinhas dos colonos visital-os, para de perto conhecer suas necessidades, e ajudal-os tanto quanto possível. Será, *assim*, *vasia* tua vida? Não, Celina, nunca mais me digas que é *monotona*, *triste* e *quasi vasia* a tua vida na fazenda, nunca mais!, pois que *podes* ahí, como tuas amigas, na cidade, ser catechista ou professora, organisar festinhas, etc., etc.

Desculpo-te, por esta vez, porque ainda não estavas acostumada com o novo regimen; dora em diante, porém, quero que me digas que nem mais te lembras que estás tão separada do resto dos mortaes.

Si assim for, estimada e feliz serás cá na terra, e felicissima na eternidade!

Recebe o coração da

Eunyce Dagmar.

As Ortiguera

COMEDIA EM 1 ACTO.

Traduzida do hespanhol por Edésia Aducci.

Personagens:

D. Maria,
Carmen, sua filha,
Ignacia, creada,
Genoveva,
Lucia,
Joanna.

Sala modesta. Móveis convenientes. Porta no fundo e lateraes.

SCENA III.

Ignacia só.

Ignacia — D. Maria está pensando que esta casa é uma academia, pois, mal entro no seu serviço, apresenta-me um livro maior que esta sala, dizendo-me que tinha que aprendel-o de cór! Ella é que devia saber de cór que me deve o aluguel de dois mezes e que não se lembra de m'o pagar. Qualquer dia faço-me de valente e lhe peço o dinheiro, e, si m'o negar, vou á policia. (Pequena pausa) A vergonha que passo ao fazer as compras diarias vale mais que todas as mensalidades juntas!... Eu bem quizera saber o que diz o regulamento domestico sobre — comprar fiado. Demonio de senhora! Si me desse dinheiro para fazer compras... menos mal iria o negocio, porque eu cobraria a divida;

mas... nesta casa não se vê um simples vin-tém! E' uma desgraça! (Batem) Bom; outro problema: virão buscar? ou virão trazer?... Será uma factura? ou será um presente? (Abre a porta)

SCENA IV.

*Ignacia e Lucia.**Lucia* — Bom dia!*Ignacia* — Bom dia, Senhorita!*Lucia* — D. Maria está em casa?*Ignacia* — Não, sahiu com a filha.*Lucia* — Não sabe si demorarão muito?*Ignacia* — Creio que não tardarão, porque foram á missa. Entre e espere um pouco.*Lucia* — Sim, esperarei, pois trago certo encargo...*Ignacia* — (á parte) Esta não apresenta factura! (A Lucia) A Senhorita é daqui?*Lucia* — Não; sou de Castrogeriz, provincia de Burgos.*Ignacia* — Então não me enganei, pois logo supuz que era de fóra. Sente-se, Senhorita! (Dá-lhe uma cadeira)*Lucia* — Obrigada.*Ignacia* — A Sra. conhece minha patrão?*Lucia* — Eu, não; quem a conhecia era minha mãe.*Ignacia* — Pois aqui todo o mundo a conhece.*Lucia* — Acredito.*Ignacia* — A mim ella deve o aluguel de dois mezes, o qual já não espero ver. Não me importa que todo o mundo o saiba! A Sra. não será parenta de D. Maria?*Lucia* — Não, nem a conheço sequer; já o disse, há pouco.*Ignacia* — Pois vae conhecer boa cousa. Já ouviu falar no tenente Ortiguera?*Lucia* — Tambem não.*Ignacia* — Pois vae ouvir a sua historia! Já leu algum regulamento domestico?*Lucia* — Eu? Não!*Ignacia* — Pois já devia ter lido algum, segundo a opinião de D. Maria.*Lucia* — Esta casa é uma delicia!*Ignacia* — Deliciosissima! Imagine a Sra. que aqui não se paga nada e que se come ás mil maravilhas!*Lucia* — Que horror!*Ignacia* — Quando a Senhorita bateu, a primeira cousa que pensei foi... si trariam alguma conta para cobrar.*Lucia* — Precisamente a isso venho. Tra-go uma conta de uns vinte e cinco annos, pelo menos!*Ignacia* — (espantada) Mas isto não é verdade!*Lucia* — Como não? Aqui está a conta. Leia-a! (Tira um papel do bolso.)*Ignacia* — Não entendo de contas.*Lucia* — Mas não são contas! São let-tras!*Ignacia* — Tão pouco entendo de letras; contudo, como a Sra. diz que é uma conta, peço encarecidamente que se vá.*Lucia* — Eu?! Por que?*Ignacia* — Porque tenho a obrigação de não deixar entrar quem traga recibos, con-tas, facturas ou outros documentos imprati-

caveis e damnhinhos. Bem claro o diz o regulamento, segundo me leu outro dia a senhorita Carmen; portanto... faça o favor de se dirigir para a porta. Vamos, vamos! (Empurra-a suavemente.)

Lucia — (levantando-se) Mas isto você não pode fazer! Isto não está direito!

Ignacia — Como não está direito, si é a minha obrigação? A Sra. volte quando a patrão estiver em casa.

Lucia — Pois bem, voltarei; mas... com a placia.

Ignacia — Então somos duas!

Lucia — (sae, resmungando) Que gente maluca mora nesta casa!

—«O»—

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.^o torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Três premios ás vencedoras
NOVISSIMAS.

E' branca esta senhora, quando não há vento — 1,3.

O instrumento e a bebida estão na mão do governador turco — 1,1.

E. A.

—«O»—

RECEITAS

Biscoitos de limão.

Deitem-se em uma vasilha 6 ovos, 6 grs. de assucar, 10 grs. de manteiga, a casca de um limão ralada, sal, canella e farinha; estando rija a massa, façam-se os biscoitos de varias fórmias e mandem-se ao forno em latas.

Adaluis.

Mussa de laranja.

Faz-se uma gemmada com 2 gemmas, 5 colheres de assucar e meia garrafa de leite, que se vae deitando aos poucos; antes de deitar o leite na gemmada, parte-se uma laranja doce ao meio e espreme-se o caldo na gemmada, e vae ao fogo cozinhar sem ferver.

As duas claras que ficaram batem-se como para suspiro (sem assucar) e perfumam-se com assucar de baunilha; derretem-se 3 laminas de gelatina, duas brancas e uma vermelha, e mistura-se juntamente com as claras a gemmada, que já deve estar fria, e despeja-se em uma fórmula molhada, que se põe no gelo.

Adaluis.

—«O»—

3) ANCILLA DOMINI

Margarida

Como todas as pessoas expansivas e de genio communicativo, quando, pelas circumstancias da vida, são forçadas a refrear as confidencias e a concentrar os sentimentos Luiz Saraiva e a filha escreviam seu diário secreto.

Guida escreveu por esses dias: «Porque será que Mamãe tem um módo de pensar tão differente do de Papae? Guida, Guida! attende ao conselho de teu confessor: não procures julgar a tua mãe!... Papae é tão bom,

tão bom! não lhe percebo um unico defeito... e acho que Mamãe tambem é boa... é; deve ser... mas... Ai, Guida! foge desse terreno!

Meu Deus, haverá mal nisso?

Será possivel que seja falta de amor filial; não terei coração igual para os dois?

E' a unica coisa que não ouse revelar a papae,... nem sei bem porque... fico ás vezes agitada com receio de querer muito mais a Papae do que a Mamãe. O confessor, a quem expliquei tudo o que sentia, acalmou-me, dizendo que não ha peccadô, emquanto eu fôr para com ambos attenciosa e obediente, e aconselhou-me não esmerilhar muito esses sentimentos

Papae hoje chorou; porque será? Uma coisa me diz que o Papae querido não se sente feliz. Oh! como daria eu de bom grado a minha vida para que elles fossem felizes e unidos como os paes de Rosa...

Luiz por seu turno escrevia:

«Meu Deus! dae-me coragem e forças! Não tenho nem uma razão séria de queixa de minha mulher... sou no entanto tão infeliz! Seu caracter é o inverso do meu; ceder sempre que fôr possivel, eis a minha norma de proceder... mas hoje que discussão por causa de Guida! Acha Laura que a menina não tem maneiras distinctas, da alta sociedade; quer por isso internal-a num collegio afamado, e durante o tempo da educação da pequena tencionava commigo viajar á Europa... Oppuz-me com energia: «separar-me de minha Guida? nunca! é a unica afeição que me resta desde que minha mãe morreu!» «Obrigada! disse Laura, fazes-me um zero em tua existencia.» — «Não, Laura, tu é que te arredaste de mim; que te importa o meu fiel e devotado affecto? Nunca quizeste saber si pelo menos tenho coração e quanto esse coração padece pela tua indifferença...» Dizendo isso senti-me tão opprimido que irrompi em pranto.

Parece-me que do seu quartinho me ouviu chorar a Guida, o caro anjo esteve hoje ainda mais meiga e carinhosa do que de costume.

Minha celestial Margarida! Não a amarei demais, Senhor?... Quando lhe pergunto: «que queres de festas pelo Natal ou pelo teu anniversario, Guida minha?» — «Dinheiro, papae!» — «Oh! pequena ambiciosa!» — «Eu o sou á sua moda, pae querido: é para os nossos irmãosinhos pobres!» — E logo me faz uma resenha das mais urgentes necessidades de seus protegidos.

Que prazer indizível para mim deixar escoar por entre aquelles dedinhos roseos grossas quantias para «os nossos irmãosinhos» como ella os designa! E' delicada no exercicio da caridade, a minha filha, tem com os pobres trato ameno, só lhes fala em tom de affectuosa meiguice. Isso lhe ensinou o proprio coração e o seu grande espirito de fé que lhe mostra em cada infeliz um representante de Jesus.

Como vos agradecer, meu Deus, o têrdes me dado semelhante filha! Nunca a ralhei; á menor manifestação de um desejo meu a menina obedecia immediatamente por amor.»

Dias depois: Guida está doente.

«Senhor, retireae de mim este calix...

fiat voluntas tua, Domine!»

Mais tarde: «Meu Deus, dae-me coragem para tudo; como tem soffrido a pobre filha, e com que paciencia e resignação!

Pude ouvir sem morrer de dôr a confidencia do caro anjo! Chamou-nos a mim e Laura para junto do leito, e unindo nos as mãos disse: — «Papae, mamãe, pedi muito a N. S. fazel-os felizes; eu advinhei que o não eram, offereci minha vida em troca e parece-me que Jesus acceitou o offerecimento. Pae querido, acceita o que o Senhor ordenar; sei que não de sentir dolorosas saudades de sua Guida, mas lá do céu estarei sempre unida a papae e mamãe. Pedirei muito ao Senhor mandar-lhes uma outra Guida ou um irmão-sinho — e... acrescentou com angelica expressão, — Jesus faz-me ainda mais as vontades do que papae que já as faz tantas, por isso estou certa que ha de vir outro filhinho.»

— Ai, meu Deus, meu Deus! eu succumbo á dôr; Margarida, filha de minha alma, unica alegria de minha triste vida!

Laura está acabrunhada, despertou-se lhe afinal a ternura maternal; confiou-me sentir-se ralada de remorsos por ser a causa da morte da menina, pois é por não ter ella sabido fazer a felicidade do lar que Margarida se offereceu em sacrificio, diz a pobre mãe torturada de dôr.»

Tres dias mais tarde:

«Quasi sem voz a minha filha, e a cada palavra que profere doe-lhe o peito como a ferida de um punhal! Hoje disse-me sorrindo que quer fazer seu testamento. Laura não sae de sua cabeceira, tem sido em extremo dedicada; durante esta molestia de Guida não se preoccupa mais com o espelho, e está se tornando fervorosa. Já ha annos que minha mulher não tem querido confessar-se; agora, a pedido da filha agonizante, prepara a sua confissão geral: depois de amanha receberemos, pela primeira vez ao lado um do outro, a sagrada communhão. O caro ajinho tem commungado diversas vezes no leito; seu coração innocente e amoroso é ávido de Jesus, autor da innocencia e puro amor.

... Da janella vi Laura soluçar abraçada ao pescoço da velha Catharina. A dôr derreteu o gelo e acabou com os preconceitos de minha pobre mulher. Guida escreveu a lapis as suas ultimas vontades, dobrou o papel e pediu-me que só o lesse depois... depois de sua partida.

— Oh Jesus, — eu vos amo mais do que tudo, mais do que a filha querida, pois volda sem me revoltar: é vossa, Senhor...

Está consummado o sacrificio, a nossa candida e lyrial filhinha tomou o vôo para seu Deus e Senhor. Extraordinaria a paz que sinto... Guida deve ter rezado muito

por mim, sem o que não poderia resistir a este golpe. E' digno de lastima o estado da infeliz mãe! Minha filha morreu unindo mais uma vez as nossas duas mãos entre as suas... e seu olhar nos fitava a ambos, cheio de compassivo affecto.

Parece-me que, adivinhando a frieza que entre nós existia, recommendava-nos amor mutuo, e — coisa curiosa, sob o influxo d'aquelle olhar de agonizante, senti renascer n'alma todo o amor apaixonado que tive outr'ora por minha mulher, e que o convívio conjugal transformou em decidida antipathia. Pobre Laura! não terei eu sido jamais injusto e duro para com ella?

Nunca nos comprehendemos, são tão oppostos os nossos genios e gostos!... mas agora a pobresinha soffre... e mais ainda do que eu; torturam-n'a os remorsos por não ter sabido amar de veras... a pequena... Disse-me chorando, pouco após a morte de Margarida: «E's feliz, foste pae e mãe de nossa Guida de quem eu fui madrastra! tambem, como te queria ella! quantos ciumes tinha eu, vendo com que affecto ardente te pagava a filha os carinhos! Oh! Luiz, perdôa-me, sou uma desgraçada, só fiz a infelicidade dos que me rodeavam. Não te soube amar como merecias; vaidosa e tola pensava que a minha belleza era digna de incenso e de adorações e achava que descia de minha dignidade si procurasse agradar-te e retribuir-te o affecto. Perdôa-me por amor da filhinha que o Senhor levou...

— Sim, Laura, perdoemos-nos mutuamente as nossas faltas, — respondi, — por amor principalmente do Senhor, a quem a Guida tanto amou!

— Olha, Luiz, si como nossa filha prometteu tivermos algum outro filho, quero ser mãe verdadeira, affectuosa e boa...»

Oito dias depois do passamento da filhinha:

«Lemos hoje as suas ultimas vontades, que aqui transcrevemos: «Em nome do Padre, do Filho e do Espirito-Santo! Entrego Papae e Mamãe ao coração de Jesus e a Maria Immaculada.

«A meu pae tão bom, tão compassivo, recommendo todos os meus protegidos; a Joanninha do Lourenço, carpinteiro, está noiva de Manuel, pintor: si fosse possivel, eu quizerá que elles recebessem uma casa modesta, de presente de nupsias; Luiz, filho da viuva Euphrasia, deseja muito estudar, mastem seis irmãos pequeninos, a mãe não pode pagar o collegio, entrego-o a papae.

(Continúa)

— «O» —



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianopolis.
Rua 28 de Setembro N.º 8.